

# A AGROECOLOGÍA COMO UMA ALTERNATIVA A PRODUÇÃO DE CULTIVOS TRANSGÊNICOS.

Laércio Meirelles<sup>1</sup>

## Velhas garrafas, novos rótulos.

Muita propaganda por um lado, um pouco de esquecimento por outro e já estamos consumindo o velho como se fosse novo. Em alguns casos os interesses de uns se encontram com a ignorância de outros. O resultado pode ser perverso.

Em nosso continente, durante os anos 70, o poderoso *lobby* da indústria agroquímica fazia propaganda de ter a solução para o principal, segundo este mesmo *lobby*, problema da humanidade. A fome, presente e futura, era o inimigo a ser combatido. A solução, modernizar a atrasada agricultura Latino-americana, com o uso intensivo de produtos vendidos pela mesma indústria: tratores, fertilizantes, sementes híbridas, agrotóxicos.

Depois de 30 anos de uma fé cega nesta alternativa, o quadro é no mínimo curioso. Ficamos com os efeitos colaterais dos remédios propostos, a doença se agravou, mas ainda assim o diagnóstico é igual e a receita sugerida segue sendo a mesma. Ou quase.

Atualmente, segundo a indústria, necessitamos de mais do mesmo: *alta tecnologia*. Agora travestida não de agroquímicos, mas de OGMs (organismos geneticamente manipulados).

Li em um artigo de Leonardo Boff, citando a Hegel, que *o ser humano aprende da história que não aprende nada da história, mas aprende tudo do sofrimento*. Quem sabe neste tema nós deveríamos experimentar algo diferente: aprender com a história, olhando os efeitos negativos da quimificação da agricultura e evitando os efeitos ainda piores que podem vir dos OGMs.

## OGMs? Não, gracias!

Prefiro a agroecología. Olhando a partir da perspectiva do produtor, a agroecología me leva a uma produção que não compromete as bases que me permitem produzir: o solo, as águas, as sementes, minha saúde. Além disto, é barata e me mantém independente da indústria que tira o que pode do agricultor. e, se não fosse suficiente, ainda resgata meu prazer de

---

<sup>1</sup> Ingeniero Agrónomo. Coordinador del Centro Ecológico Ipê, ONG que desde 1985 trabaja con accesoria y formación en Agricultura Ecológica. Coordinador saliente de la Región Cono Sur del MAELA – Movimiento Agroecológico de la América Latina y del Caribe.

trabalhar na agricultura, entre outros motivos, porque posso oferecer um produto saudável aos consumidores.

Se olho desde o ângulo de um consumidor, prefiro comprar alimentos produzidos tendo por base a agroecologia. Em primeiro lugar, por respeito a saúde – minha, do produtor e do planeta. Também, para estimular, com meu consumo, uma maneira de produzir que incorpora valores ambientais a sua prática. Por último, para contribuir com o surgimento de novos desenhos de organizações sociais, com estratégias descentralizadas de processamento e com novas redes de circulação de mercadorias.

A Agroecologia vem sendo definida de diferentes maneiras. Segundo *Stephen Gliessman*, em seu excelente livro "*Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável*", a Agroecologia "*é a ciência que aplica conceitos e princípios ecológicos no desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis*".

*Susanna Hecht*, no pioneiro livro coordenado por *Miguel Altieri*, "*Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*", amplia um pouco mais esta definição, dizendo que "*A Agroecologia é uma abordagem agrícola que incorpora cuidados especiais relativos tanto ao ambiente, como aos problemas sociais, enfocando no apenas a produção, mas também a sustentabilidade do sistema de produção*"

## **Teorizar sim, fazer também**

Para além das diferentes definições que pode ter a agroecologia, o importante é que em todo o mundo, milhares de camponeses e camponesas fazem da produção saudável seu objetivo de vida e sua prática cotidiana. Em nosso continente o quadro não é diferente. Em todos os países existem experiências exitosas, que demonstram a aplicabilidade dos conceitos agroecológicos.

São experiências que começam com a produção limpa, que se traduz em práticas como fertilização orgânica, adubos verdes, associações e rotações de cultivos, manejo de ervas espontâneas, manutenção e fomento da biodiversidade. Continuam com a construção de formas democráticas e participativas de organização social, tanto de produtores como de consumidores. São grupos informais, associações e cooperativas, onde a identificação dos problemas e a busca de soluções acontecem de maneira coletiva.

As experiências mencionadas, muitas vezes, envolvem também a circulação de mercadorias, onde aproximar os produtores dos consumidores é o objetivo principal. Esta aproximação evita gastos energéticos com transportes a largas distâncias, permite a criação de laços de solidariedade

entre o campo e a cidade, e facilita a geração de credibilidade para o produto ecológico. Pode ainda melhorar os preços para agricultores e consumidores, se o intercambio envolve dinheiro. Estas iniciativas se materializam como diferentes formas de intercambio de produtos: Organizações de Cestas Comunitárias, Feiras de Agricultores Ecologistas, Cooperativas de Consumidores de Produtos Ecológicos, Lojas dos próprios agricultores, etc.

## **Para isto serve a utopia... para caminhar.**

A utopia passa por a percepção que estas diferentes iniciativas podem crescer e conectarem-se entre si, conformando uma grande **"Rede Solidária de Produção e Circulação de Produtos Ecológicos"**, contribuindo ao desenho de um outro mundo possível, baseado na filosofia da preservação ambiental e da justiça social, e tendo na ideia generosa da igualdade uma referencia estratégica.

O movimento socioambiental no vive, talvez, seu melhor momento. Temos muitas vezes a sensação de que vivemos de pequenas vitórias e grandes derrotas. Não importa. Viver a aventura de trabalhar por um mundo agroecológico, livre de transgênicos já é uma recompensa. Além disto, pode ser que a consciência tranquila seja nosso único conforto, para quando as gerações futuras, nossos filhos e netos, nos perguntem por que não fizemos nada, quando ainda era possível.

Dom Pedro de Alcântara, janeiro de 2006.